Ano 20.º Sabado, 2 de Julho de 1927 (AVENÇADO) N.º 983

O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
R. Eça de Queiroz, n.º 3—AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

Films...

O que é a astucia feminina!

Numa terra estrangeira os donos duma fabrica resolveram proibir a todas as suas empregadas, sob pena de demissão, que engressassem no trabalho com as saias curtas. Ao outro dia, realmente, todas chegaram com as saias compridas e devidamente compostas. Mas—ó filhos!—isto foi á entrada, porque, para a saída, inventaram logo um sistema elastico que lhes permite encurta-las á vontade, até onde quizerem... E assim, quando o trabalho acaba, ha delas que, tendo entrado com as saias pelo tornozêlo, imediatamente se vêem na rua com tudo á mostra...

Salvo seja...

—

LEMOS num jornal que o Papa mandou a benção apostolica por intermedio do secretario de Estado do Vaticano ao Comité Nacional italiano para a correcção da moda. E agora vai enviar-lhe uma mensagem de felicitações na qual anima os piedosos membros do Comité a que prossigam na sua moralisadora campanha contra as saias curtas e os vestidos provocadores.

Só nós, que andamos ha um rôr de tempo a pugnar pela morigeração dos costumes, não abichâmos nada!...

Nem duns, nem doutros...

Marang

Este celebre burlão, que, com Alves Reis e outros, tanto se evidenciou nas negociatas do Banco Angola e Metropole, após ter sido condenado, em segunda instancia, nos tribunais do seu país, acaba de desaparecer da Haia, presumindo-se mesmo que tenha deixado a Holanda para não cumprir os dois anos de prisão e eximir-se ás outras responsabilidades ligadas ao seu nome.

Não vigiem de perto os outros maráus e verão que é um ar que lhes dá...

Só se não puderem...

A' solta...

O *Capirote*, tendo rebentado, de novo, o cabresto, voltou, no domingo, a fazer das suas, mas, como de costume, não houve azar...

Todos com quem arremeteu cada vez de melhor saude.

Mas vinha bravo, o estupor do bicho!

Ninguem diga que está bem...

Um fóco

Na travessa do antigo hospital existe um deposito de dejectos que, por ter a porta escavacada, cheira a *cristo-capirote* que trezanda. Além disso fazem-se para ali despejos de toda a natureza o que ainda mais concorre para aquilo dentro em pouco ainda ser peor que o caneiro, de nojenta memoria.

Ao encarregado da higiene da cidade pedimos o favor de dar uma voltinha pelo sitio e depois providenciar em conformidade com o que tiver visto e... cheirado...

O PARQUE DA CIDADE

E' inaugurado com uma grandiosa e brilhante festa

Quando foi publicamente conhecida a intenção do dr. Lourenço Peixinho ao adquirir a antiga quinta do Germano para a transformar num parque, a celeuma aí levantada nos arraiais adversos foi simplesmente estupenda.

Uns por faciosismo politico, outros por tacanhez de espirito e ainda outros por despeito, mas todos assombrados com o arrojo da empresa, pouco faltou para fazerem uma revolução contra o presidente da Camara de quem ia depender esse grande melhoramento.

Podia lá ser uma loucura daquelas, onde se queimariam em coisa tão desnecessaria o melhor dos rendimentos municipais!

E assim se foi comentando e combatendo mais uma explendida ideia do homem que, nos ultimos anos, tanto se tem evidenciado entre nós—pensando, executando, realisando o que para muitos não passaria dum sonho.

Todavia, as obras iniciaram-se e aquele vale pantanoso e improdutivo—uma mancha destoando entre o novo hospital e o Jardim Publico—pouco a pouco se foi transformando até que chegou o momento de se verificar a razão que assistia ao dr. Lourenço Peixinho quando concebeu a ideia do parque no sitio onde acaba de ser inaugurado.

Aveiro—com orgulho o dizemos—tem hoje mais um ponto atraente dentro dos seus muros, ponto que os *turistes* muito devem apreciar e que para todos os naturais desta terra deve ser motivo de congratulação por constituir mais uma belêsa a juntar ás da Ría com os seus canais, a paisagem que a cérca, o sol que a ilumina.

Honra, pois, ao dr. Peixinho

***

E agora vamos á descrição da festa de domingo.

Gente imensa, ocupando todos os logares publicos e reservados. Ainda bem. O incondicional apoio á obra colossal do homem a quem nenhum aveirense, com verdade, pode deixar de reconhecer valôr, merecimento e, muito especialmente, um fervoroso amor, uma paixão cêga por este abençoado torrão.

Tarde quente, embora bafejada pelo vento norte que, de vez enquando, costuma visitar-nos.

A larga avenida que corta o Parque em toda a sua extensão é o ponto escolhido para a batalha

Dr. Lourenço Peixinho

de flores, espectaculo que pela vez primeira se realisa em Aveiro.

Ao centro duma das margens, o juri composto pelos srs. Governador Civil, capitão do porto, director da Escola Industrial Fernando Caldeira, comandante militar e presidente da Comissão Administrativa da Camara.

Vão chegando os carros e as surprêsas sucédem-se com a aparição de alguns que se apresentam caprichosamente ornamentados.

As musicas tocam, alternadamente, nos seus corêtos. Muitos automoveis, subindo e descendo pelos pontos indicados, oferecem um explendido espectaculo, tão variadas as decorações que apresentam.

Os que mais se destacaram: o da sr.ª D. Véra Simões ocupado por um graciosissimo grupo de lindas meninas vestidas de fantasia; o do dr. José Vieira Gamelas com alguns engraçados *pierrettes*; o do sr. Luiz Couceiro guarnecido de colchas, flôres e lindos rostos femininos. Na frente, um grande quadro onde se lê:

26—6—1927

Neste Parque inaugurado
Qual bijou, um amorsinho,
Seja alguem sublimado
N'honra e gloria ao Peixinho.

o da Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes, semelhando uma cabana que abriga um cacho belo de creanças vestidas á Minho; o do sr. Francisco Pinto de Almeida, emitando uma grande borbolêta; o do sr. Artur Trindade conduzindo um numeroso grupo de encantadoras meninas; o do dr. Marques da Costa; o do dr. Justino Simões; o do sr. Antero Pereira, semelhando um barco moliceiro com tripulação adequada; o do dr. Pompeu Cardoso, emitando um grande cisne; um coche seculo XVIII, completo, a duas parelhas brancas com moços de taboa, conduzindo as gentilissimas filhas do sr. major Antonio de M. Machado, sr.as D. Maria Luiza e D. Maria Helena vestidas a rigor, com o curiosissimo trajo da época; um carro puchado por uma mula da Vacuum Oil Company todo *mobiloil* e *sunflower* autentico, etc., etc. Quatro cavaleiros, tres dos quais vestidos como os *cowboys*: srs. Elio Cunha, Antonio Luz (filho) e Duarte Silva; o sr. José Taveira á espanhola e o pequenino filho do sr. Manuel Rodrigues Vieira, sargento de infantaria 19 vestido de campino, admirando o publico o garbo e os seus precoces conhecimentos de equitação pelo que logo o cognominou de—Tanganho!

A batalha desenrolou-se com entusiasmo até o esgotamento das munições, tendo a peleja terminado apenas se ouviu o sinal de cessar fogo...

A seguir foram distribuidos os premios. O primeiro, uma rica floreira de cristal e prata ao coche, apresentação do sr. Morais Machado; o segundo, um magnifico tinteiro de prata ao carro da sr.ª D. Véra Simões e o terceiro, um relogio de ouro, ao cisne do dr. Pompeu Cardoso.

No final, a multidão espalhou-se pelo Parque, enquanto, no lago, pequenos barcos embandeirados dão uma nota graciosa á serenidade e mansidão da agua.

O dr. Lourenço Peixinho deve considerar-se, a esta hora, plenamente satisfeito. Um dos melhores numeros do seu vasto programa regional, recebeu, no domingo, por forma iniludivel, a consagração a que tinha jus.

Para a frente!

Que os seus verdadeiros amigos, que os seus conterraneos saberão aplaudi-lo e admira-lo como merece.

Vêr sempre a 4.ª pagina.

O impudor

Falando sobre o que por aí se passa e por aí se vê relativamente ao impudor com que certa gente se apresenta em publico, um dos mais antigos jornais de Lisboa diz:

«Dantes havia mais respeito, porque as senhoras não mostravam descaradamente as pernas, nem passavam uma grande parte do dia metidas nas lojas de modas e no cabeleireiro. As senhoras desses tempos retrogrados viviam para a sua casa. Existia então o culto pela familia. Hoje as casas ficam entregues aos creados que, na sua maior parte, sabem *despejá-las* com mestria; os meninos entretêm-se dando pontapés na bola, ainda a braços com o *biberon*. E' um perfeito pagode! Dizem que toda esta confusão é imposta pela sr.ª D. Civilisação, que é amiga afeiçoada de uma outra senhora chamada D. Deshonestidade. Ora esta é que precisa de entrar na ordem. Parece-nos que ha liberdade de mais, por isso que quem tiver a fraqueza de a dar demasiadamente tem logo que arrepender-se.»

E explanando, explanando sempre.

«Muito tem contribuido para este lamentavel estado de coisas a atrevida moda, que força dolorosamente a um significativo desrespeito. A honestidade chega a confundir-se com o que ha de puramente baixo e de mais forte indecencia. Ha senhoras que vêm para a rua como nem todas as mulheres de vida facil seriam capazes de se apresentar: saias para cima do joelho, decote exagerado, braços ao léu, etc. Não é, pois, para admirar que o numero dos insolentes, dos atrevidos, dos mal educados e dos de linguagem suja, aumente cada vez mais, sendo para desejar que o correctivo comece e aplicar-se com toda rigorosidade aos inventores dessa indumentaria reles e provocante, que querem fazer passar como filha do progresso, quando o é apenas da desvergonha».

Somos da mesma opinião. Deixar crescer o impudor é contribuir para a desmoralisação, para o deboche, para a perda irreparavel daquilo que outr'ora constituia, na mulher, o seu maior galardão—a honra.

Porque se não hade fazer uma campanha intensa, persistente, de modo a pôr côbro a tanta baixêsa, como essa que ameaça invadir todos os lares, transformando-os no que ha de mais bjecto, ascoroso e indigno?

A Imprensa tem, neste particular, um papel especialissimo que muito póde contribuir para o bom resultado dessa missão.

Mãos á obra?

O Burro do sr. Alcaide
NO
Teatro Aveirense

Como temos dito, é hoje e ámanhã que sobe á scena no nosso teatro a engraçadissima opera-comica, original de Gervasio Lobato e D. João da Camara, com musica lindissima, alegre, encantadora de Ciriaco de Cardoso e que vai ser representada por um distinto grupo de amadores de Coimbra ao qual já fizemos larga referencia neste jornal.

O Burro do sr. Alcaide foi aqui muito aplaudido quando levado pela Companhia Taveira, do Porto, ha mais de 30 anos. Merece ser visto pela nova geração, que certamente não deixará de apreciar tambem o seu desempenho visto ao grupo conimbricence não faltarem elementos de valor para que o exito da hilariante opereta seja completo.

A orquestra será regida pela habil batuta do sr. dr. José Rodrigues, cuja paixão pela arte de Mozart o elevou, de ha muito, á categoria de um dos mais distintos amadores de musica.

Naturalmente serão estas duas récitas as ultimas da época. Se assim fôr, não pode fechar melhor o periodo teatral tão seguros estamos do agrado que vai causar entre nós a *réprise* da famosa operêta a que estamos fazendo referencia assim como o grupo escolhido para a sua apresentação em publico.

—

O Democrata, vende-se na *Livraria Universal*, Rua Direita.

Saudade

Duas palavras nesta hora e neste dia, palavras que são o acordar da saudade, o reviver da dôr imutavel; da saudade e da dôr que eternamente se renovam e recordam na infinita continuidade da vida; da saudade e da dôr, atributo do sentir humano, triste companheiro do sofrimento que nos retalha o coração e esmaga o espirito!

Tenho gravado para sempre na alma, latente ainda, como uma chaga aberta a ferro em braza, o quadro pavoroso da tua angustia—meu adorado amor—quando a tua alminha, branca como a açucena, imaculada como a luz, se extinguiu, e o teu corpinho esqueletico e mirrado cala sem vida—minha linda florinha de amor—na ansia derradeira do ultimo suspiro!

Nessa hora mais para sentir que para descrever, atingindo o calvario do teu sofrimento, quando vi—sem uma culpa, sem um pecado—minha santinha amada—sofreres a morte horrivelmente dolorosa e cruel, apagando-se dos teus olhos lindos o ultimo lampejo de vida, irrompeu do fundo do meu coração, num grito formidavel de protesto e de revolta, a maldição fulminante contra o Destino que me desfolhava a rosa mais linda do jardim do coração—a minha Isabelinha!

E' por isso—meu saudoso e querido amor—que nesta hora e neste dia, acordo a dôr e a saudade, que cada vez mais vivas, se renovam e reacendem no coração de onde se não apagará nunca o tua imagem—linda como os anjos, pura como o luar!

1 de Julho de 1927.

A.

Assassinato

Aveiro, onde os crimes barbaros, felizmente, não são frequentes, foi na quarta feira teatro dum drama sangrento desenrolado entre amantes e que teve por protagonistas Antonio Tomaz, soldado n.º 10 da 2.ª companhia do batalhão n.º 5 da Guarda Republicana, aqui aquartelado, e Leontina Conceiro, de 40 anos, que em tempos viveu maritalmente com o tipografo José da Silva, já falecido, de quem existem duas filhas: uma de 15 anos chamada Amelia e outra de 10 com o nome de Maria José.

A scena desenrolou-se em casa da Leontina, na Rua do Americano e após uma violenta discussão, como era de uso entre os dois amantes, que desta vez terminou por o 10 desfechar tres tiros contra a sua companheira, prostrando-a num lago de sangue.

Aos gritos de socorro soltados pela Amelia, que assistiu á tragedia sem a poder evitar, acudiu o guarda civico n.º 45 cuja passagem na ocasião determinou a captura do assassino, que deu entrada no calabouço do quartel a fim de prestar contas do seu repugnante acto.

A vitima era vendedeira de fruta no mercado, dizendo-nos a visinhança que o 10 a maltratava frequentemente, mostrando - se sempre arrogante. Filho de Duarte Tomaz e Joaquina Caetana, natural de Atadia, freguesia de Condeixa-a-Velha, concelho de Condeixa, o desvairado, que veste com elegancia, conta perto de 41 anos e é solteiro. Tambem se diz que abusava bastante do alcool por onde se conclue que, dados os antecedentes, a desgraça era inevitavel, fatal.

S. João da Madeira

Uma visita do sr. Governador do distrito ao novo concelho dá-nos ensejo de falar sobre o grande centro industrial

Aquiescendo ao convite dum amigo, estivemos no dia 23 de junho em S. João da Madeira onde, nesse dia, fôra tambem o sr. governador do distrito fazer uma visita ao novo concelho.

A viagem fizemo-la de vespera, numa confortavel 1.ª do *rapido* da noite em que vinha de Lisboa o ilustre clinico sanjoanense, sr. dr. Renato de Araujo, e depois em automovel, de Espinho até á laboriosa vila, já adormecida, mas ainda com todas as suas ruas e largos profusamente iluminados a electricidade por uma central que, como antigamente a nossa, só fornece luz durante escassas horas, enquanto não houver verba para a prolongar ao romper da aurora.

Ainda a pé, o pai do sr. dr. Renato de Araujo, a quem somos apresentados, recebe-nos no seu sumptuoso palacête erguido no coração da vila e cuja descrição dificil se torna fazer, tal o luxo, o aceio e o conforto de que se acha revestido interiormente.

Só a elegancia da entrada, com a sua escadaria a atestar o bom gosto de quem a lançou, dava para encher alguns quartos de papel se fossemos a descrevê-la com minucia. Impossivel, porêm, nesta ocasião e assim vamos passar já á parte principal de que nos foi dado observar na manhã seguinte em que, ainda cêdo, saímos para a rua na ansia de colhermos impressões antes da chegada do governador.

Em S. João da Madeira ha duas industrias importantissimas e qual delas a mais prospera: a dos chapeus e a do calçado. A primeira exerce-se em grandes fabricas, com maquinismos aperfeiçoados e onde o numerosissimo pessoal entra e sai a horas regulamentares. A outra está disseminada por diferentes oficinas maiores ou menores, começando a laboração logo pela manhã. Tivemos tambem ocasião de observar que todos os outros trabalhos se iniciam quasi ao romper do sol, por onde concluimos desde logo que não foi á custa da mandria que S. João atingiu o grau de progresso que por todos é hoje constatado. Orgulham-se disso, com justificada razão, os sanjoanenses e a nós é-nos imensamente grato louva-los pelas suas iniciativas das quais só resulta o engrandecimento da terra, como tivemos ocasião de verificar, percorrendo-a de lés a lés na contemplação dos predios que a povoam, dos jardins que a enfeitam, dos estabelecimentos que lhe dão vida, movimento, expansibilidade.

Levar-nos-ia longe, muito longe, o relato do que vimos nas escassas horas aproveitadas para fazer uma ideia aproximada do que é S. João da Madeira nos dias normais de trabalho. Temos, portanto, de nos limitar, por agora, ao que fica escrito afim de entrarmos na descrição da visita do sr. Governador Civil, que, vindo de Aveiro acompanhado do sr. dr. Henrique Paz, secretario geral; capitão Joaquim Geraldes, comandante do batalhão da Guarda Republicana e Livio Salgueiro, chegou á vila no automovel do sr. dr. Joaquim Milheiro pouco depois das 10 horas.

Aguardado no extremo do concelho pelo respectivo administrador, sr. dr. Renato de Araujo e ainda pelos srs. Antonio José de Oliveira Junior, provedor da Misericordia; José Antonio das Neves, secretario; Inocencio Pereira Leal, tesoureiro; Antonio Pinto de Oliveira, presidente da Associação Comercial e Industrial e Manuel Luiz da Costa, da Comissão Administrativa Municipal, aí tiveram logar as primeiras apresentações e cumprimentos entre o estoirar de inumeros foguetes, que em seguida se repetiu defronte da casa da Câmara onde o sr. Governador Civil foi recebido ao som do hino nacional executado pela banda de S. João, ouvindo-se tambem erguer vivas a s. ex.ª, á Patria, á Republica, ao novo concelho, etc.

Uma vez na sala de recepção, o sr. Benjamim de Araujo, presidente da Comissão Administrativa do Municipio saudou a autoridade superior do distrito, a quem agradece a honra da visita. Fala do patriotismo e do bairrismo da sua terra, unica coisa que o interessa; alude á nefasta politica do país anteriormente ao 28 de Maio, que nunca deixou que S. João tivesse o que merecia; põe em destaque as qualidades de trabalho dos seus conterraneos; clama do sr. Governador Civil auxilio, todo o auxilio que possa dispensar para que S. João da Madeira progrida e acaba por dizer que não é dinheiro que pede, mas sim amparo, protecção, tudo quanto possa determinar o engrandecimento do seu concelho por cuja creação pugnava ha mais de quarenta anos.

Por seu turno, o sr. Governador Civil agradece as referencias elogiosas com que foi recebido e as manifestações produzidas em volta da sua pessoa. Sobre os seus intuitos diz que só têm em vista os interesses do distrito, quer materiais quer morais, não curando saber da politica de ninguem. Sabe que em S. João da Madeira ha bairrismo e por isso está disposto a apoiar todas as pretenções justas, fazendo votos por que o concelho, que nasceu pequenino, cresça e se desenvolva á sombra da baudeira desfraldada em 28 de Maio. A divisão administrativa vai ser, dentro em breve, um facto—disse. Tem a certeza de que S. João hade dela compartilhar por, além de tudo, ter direito a ser uma terra grande.

Viva S. João da Madeira! Viva a Republica! Viva a Patria!—são as ultimas palavras do chefe do distrito.

Viva o sr. Presidente da Republica!—reboa na sala, correspondido com igual entusiasmo ao dos anteriores.

Finda esta cerimonia iniciam-se as visitas. O sr. Governador Civil com a sua comitiva entra na administração do conselho, na Tesouraria de Finanças e na Filial da Caixa Geral de Depositos, repartições que se acham todas instaladas no mesmo predio. A seguir dirige-se ao Hospital de que foi fundador o benemerito Francisco José Luiz Ribeiro e que tem anexos o Asilo e a Maternidade. Não está ainda concluido. Vê-se, contudo, que deve ficar obra aceiada depois de pronta. Já recebe doentes. Internados no Asilo apenas 6 creanças visto não haver necessidades de forma a o numero ser mais elevado—o que é um bom sintoma.

No livro dos visitantes exarou o sr. Governador Civil as suas impressões, escrevendo o seguinte:

Fiquei maravilhado com a obra de benemerencia e assistencia que vi nesta instituição de caridade digna dos maiores elogios pelo esforço desenvolvido e magnifica orientação, felicitando por tudo isso os seus dirigentes para quem todos os elogios são poucos.

Por a acharmos digna do conhecimento publico, no proximo numero se publicará a historia da utilissima instituição introduzida no discurso lido pelo Provedor e que a falta de espaço nos obriga a retirar depois de composto.

O sr. Governador Civil, que dirige algumas palavras afectuosas ao sr. Antonio de Oliveira Junior, entra, a seguir, na igreja matriz, e depois no Posto da Guarda Republica, que lhe fica proximo.

Aqui é muito elogiado o sargento comandante João Antonio Gomes pela forma como tem procedido durante a sua permanencia na vila e ainda mais: pelo cuidado que sempre lhe mereceu a compostura do quartel onde existe uma aula, uma biblioteca, um jardim, tudo cuidadosamente tratado e que bem revela o zelo patriotico desse humilde servidor da nação.

Aproximando se a hora do almoço, ha quem lembre um passeio prévio ao Alto do Carquegildo e ao Casal Delo, para o que os automoveis se aprestam, percorrendo em pouco tempo as distancias que separam os dois lindos ponto da vila.

* * *

Treze horas e meia.

A' porta principal do palacête do sr. Benjamim de Araujo apeia-se a comitiva, pois é lá que o almoço vai ser servido. A mesa, primorosamente posta, toma toda a largura da rica sala e no logar de honra senta-se o sr. Governador Civil, que dá a direita ao sr. Antonio Pinto de Oliveira e a esquerda ao dono da casa e presidente do municipio, sr. Benjamim de Araujo. Em frente, o abade Antonio Maria de Almeida Pinho, tendo á direita o sr. dr. Henrique Paz e á esquerda Livio Salgueiro. Nas cabeceiras o provedor da Misericordia e o director de *O Democrata*. Indistintamente tomam os outros logares os srs Mario de Souza, Secretario de Finanças; Antonio Henriques, da Comissão Administrativa; Firmino Gomes da Silva, industrial; Jesuino Antonio da Silva, administrador substituto; dr. Joaquim Milheiro, sub delegado de saude; Manuel Luiz Leite, industrial e membro da Comissão Administrativa; capitão Wenceslau Valadas, engenheiro; José Antonio das Neves, da Comissão Administrativa; Renato de Araujo, medico; Inocencio Pereira Leal, capitalista e tesoureiro da Camara; Manuel Luiz da Costa, da Comissão Administrativa e capitão Joaquim Geraldes. O serviço é finissimo e variado, iniciando, ao *champagne*, a série dos brindes, o sr. Benjamim de Araujo que sauda o sr. Governador Civil, congratulando-se com a sua presença em S. João da Madeira.

Segue-se-lhe o sr. Antonio Pinto de Oliveira, presidente da Associação Comercial, que diz:

«Colocado, aliás mal, pelo favor de amigos na Direcção da Associação Industrial e Comercial de S. João da Madeira, é em nome desta colectividade que tenho a honra de saudar V. Ex.ª, e em V. Ex.ª, como seu superior e digno representante no distrito, o Governo da Republica.

Creio que é V. Ex.ª o primeiro Governador Civil que visita esta terra de trabalho sem ser para lhe pedir votos. E creio que foi o actual Governo o primeiro que fez justiça a algumas das nossas mais legitimas aspirações sem nos perguntar quantos votos a coisa rendia.

São as promessas de vida nova que se vão concretisando em factos.

Ainda como manifestação de vida nova devemos tomar esta espontanea visita de V. Ex.ª que, honrando-nos muitissimo, não menos dignifica V. Ex.ª.

Um Governador Civil deve ser mais alguma coisa do que o agente eleiçoeiro que costumam ser. Inteirar-se, bem de perto, nos seus menores detalhes e em todas as suas modalidades, da vida do seu distrito, condensar as suas observações e leva-las ao conhecimento do Governo para que este possa orientar com acerto a sua acção, deve ser essa, na verdade, a preocupação dominante dum Governador inteligente e patriota, que tenha o verdeiro culto da sua função.

Honra, pois a V. Ex.ª que assim o entende e assim procede!

Tenho a certeza de que V. Ex.ª sairá de S. João da Madeira com a convicção absoluta de que esta vila, medularmente laboriosa, marca, dentro dos acanhados limites geograficos do seu concelho, que não excedem os da propria freguesia, alguma coisa de grande na historia do Trabalho Nacional.

Se V. Ex.ª me perguntasse como em tres dezenas de anos temos podido multiplicar e fazer prosperar dum modo tão notavel as nossas fabricas e oficinas, atravez de dificuldades muito maiores do que se pode imaginar, eu não lho saberia dizer. Mas... talvez seja porque o industrial sanjoanense, saido quasi todo do operariado sanjoanense, tem o culto do trabalho. Aqui não ha industriais honorarios. Todos se desdobram numa actividade extrema, com despreso absoluto por essas celebradas oito horas, imbecilmente macaqueadas da legislação dos paizes ricos.

E se V. Ex.ª quizer ajuizar da honradez da nossa gente, consulte os registos do Tribunal do Comercio de Oliveira de Azemeis. Verá que uma concordata ou falencia em S João da Madeira são coisa rarissima. E, todavia, pelas consequencias da criminosa politica de inflação, seguida da não menos criminosa e estupida politica de revalorisação artificiosa e brusca do Escudo, estamos todos a debaternos numa angustiosa crise de transações e de dinheiro...

A Associação Industrial e Comercial de S. João da Madeira tem, sem favor, na acção inteligente do digno Delegado de V. Ex.ª neste concelho e na da nossa Camara Municipal a mais completa confiança, pelo que se abstem de manifestar aspirações proprias, limitando-se a apoiar vivamente as de um e outra.

Tudo quanto V. Ex.ª possa fazer em favor de S. João da Madeira, enobrecendo a sua passagem pelo Governo Civil, constituirá homenagem ao Trabalho Nacional, teta fiscal esticada ao maximo pelas beiças vorazes dessa caterva de estadistas de algibeira que por desgraça e culpa nossa tem passado pelo Terreiro do Paço.

Tenho dito.»

E levantando a taça:

«Por V. Ex.ª, pelo Governo que V. Ex.ª dignamente representa, por S. Ex.ª o Snr. Presidente da Republica, pelo resurgimento de Portugal!»

O sr. Governador Civil agradece ao presidente da Comissão Administrativa o acolhimento que teve em S. João da Madeira e ao presidente da Associação Comercial a forma cativante, gentil, carinhosa como foi recebido. Diz que é para o movimento do 28 de Maio que as palavras que lhe são dirigidas se devem voltar; concorda em absoluto com as palavras do presidente da Associação Comercial; sente prazer em constatar que S. João da Madeira tem o direito de se considerar uma terra progressiva, que dá leis ás outras terras pelo exemplo do trabalho; admira esse exemplo e indica lo ha ao Governo, empregando todos os esforços para que as aspirações dos sanjoanenses sejam atendidas. Bebe, pois, pelas prosperidades de S. João da Madeira.

O sr. dr. Joaquim Milheiro, não sendo de S. João, bebe pela sinceridade das palavras do sr. Governador Civil.

O sr. Mario de Souza elogia S. João da Madeira por ser uma terra de trabalho que tem que se impôr, que se deve impôr á consideração do país. Aprecia as qualidades do povo de S. João, admira a terra, onde se sente bem, pede ao sr. Governador Civil que olhe pelo concelho e bebe pela Patria e pela Republica.

O sr, Manuel Luiz Leite, como industrial e representante do quinzenario *O Regional*, lê um discurso de saudação ao chefe do distrito que sentimos não poder reproduzir por falta de espaço.

O sr. abade da freguesia sauda na pessoa do sr. Governador Civil o governo da Republica, o governo militar do 28 de Maio cuja obra grandiosa admira. Especialmente, como filho de S. João da Madeira, expressa os seus agradecimentos á autoridade superior do distrito pela honra que concedeu á sua terra, visitando a, e esperando da união dos sanjoanenses e do seu amor ao trabalho, o resto que ha a fazer, exorta o sr. Governador Civil, á saude de quem bébe, a prestar-lhes o seu valioso auxilio.

O sr. dr. Ricardo de Araujo, falando com certa verbosidade, afirma que não era costume o governo, duma maneira geral, os ministros, virem ás localidades conhecer das necessidades e preocupações de cada povo. Os tempos, porêm, mudaram. O movimento militar surgiu como um remedio violento, talvez profundo demais, mas que era absolutamente indispensavel. Movimento regularisador, ele ecluiu como uma necessidade imperiosa, absolutamente imprescindivel. Elogia a obra da ditadura. E opina: temos que olhar o presente administrativo como deve ser olhado—com carinho. O ponto de vista tem de ser duma abstenção completa de lutas. E' preciso eliminar todas as manifestações de ordem partidaria como ponto de partida para o engrandecimento de S. João da Madeira. A politica local hade ser

Este numero foi visado pela comissão de censura

Ministerio da Agricultura

Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquicolas

Segunda Divisão

Anuncio

FAZ-SE publico que na Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquicolas no Edificio Nacional do Terreiro do Trigo se aceitam propostas em carta fechada até ás quatorze horas do dia 18 do proximo mez de Julho, para o fornecimento desde quinhentos a cincoenta e dois mil quilos de semente de pinheiro maritimo com aza, extraída de qualquer pinhal em bom estado de vegetação, achando-se desde já patentes as respectivas condições na referida Direcção Geral e nas sédes dos Serviços Florestais na Marinha Grande, Figueira da Foz, Coimbra, Aveiro e Porto.

Lisboa, em 17 de Junho de 1927.

Pelo Director Geral,

José Augusto Fragoso

a politica duma familia só para que a harmonia do povo não seja desfeita. O exemplo de S. João da Madeira deve ser seguido por todo o país. E manifestando mais uma vez a sua gratidão pela visita do sr. Governador Civil, recebido com toda a sinceridade, com toda a lealdade, brinda-o e ás pessoas que vieram de Aveiro e ali se encontram presentes.

Arnaldo Ribeiro, agradece á familia Araujo todas as atenções que lhe foram dispensadas desde a sua saida de Aveiro, põe em relêvo as qualidades de trabalho dos habitantes de S. João da Madeira e garantindo que um povo que trabalha não pode ter receio do futuro, bébe tambem pelas prosperidades do novo concelho.

Livio Salgueiro brinda á familia de Benjamim de Araujo, de quem é sincero amigo.

O sr. Capitão Geraldes diz ter pela terra a maior consideração e por isso faz igualmente votos pelo seu progresso.

O dr. Henrique Paz brinda no dr. Renato de Araujo, bairrista de puro sangue e lidimo caracter, todos os filhos de S. João da Madeira.

Pelo nosso director é ainda saudado o sargento da Guarda Republicana pelos altos serviços prestados na vila, saudação que é agradecida pelo sr. capitão Joaquim Geraldes, como seu superior e admirador da ordem, metodo, disciplina e higiene que sempre observou no posto a cargo do mesmo.

Por ultimo o sr. Governador Civil faz varias considerações sobre a politica do governo, terminando assim: uma obra de paz de concordia, de engrandecimento é a unica que deve ser aplaudida no nosso país. A politica da bôa administração espera seja aquilo por que todos devem almejar.

Nesta altura é dado por findo o banquête, saindo os convivas que acompanham o sr. Governador Civil nas visitas á *Empreza Industrial de Chapelaria, Lda.*, a maior e mais antiga fabrica, considerada como a primeira da Peninsula, onde foi servida uma taça de *champagne*; á Fabrica de Fundição, unica na vila e á *Fabrica de Henriques, Palmares, Cunha, L.da*, que tambem marca em chapelaria, como tivemos ocasião de observar.

O regresso a Aveiro foi feito proximo da noite, não podendo ser melhores nem mais gratas as impressões dos visitantes quanto á forma como S. João da Madeira os recebeu, cumulando-os de deferencias.

Nem outra coisa era de esperar do cavalheirismo da sua gente.

Por nós, muito obrigados.

Atenção para a 4.ª pagina.

Notas Mundanas

Faz alem de amanhã anos a sr.ª D. Judith Brandão de Pinho, esposa do sr. Octavio de Pinho.

— Para o nosso amigo Osiris Lima, natural de Manaus, E. U. do Brazil, foi no domingo pedida em casamento a prendada tricaninha Maria Marques Pitarma, devendo o enlace efectuar-se no proximo ano.

—Egualmente foi pedida para o sr. Carlos Maria do Carmo, alferes de cavalaria 8, a mão da gentilissima filha do major de infantaria e nosso velho amigo, sr. Antonio de Morais Machado, a sr.ª D. Maria Helena Mendes Leite Machado, cujo enlace deverá realisar-se dentro em bréve.

— Do Rio de Janeiro, E. U. do Brazil, onde se dedica ao comercio, chegou a esta cidade o sr. José de Oliveira Moura, filho do sr. José Manuel de Oliveira Moura, que aqui conta passar uma temporada.

— Vindo de Loanda, Africa Ocidental, tambem regressou a Aveiro o nosso conterraneo Carlos da Silva Ribeiro, que já se encontra restabelecido da enfermidade que o acometeu.

— Tem passado doente o sr. José Duarte Simão, a quem desejâmos pronto restabelecimento.

— Com 14 valores passou no exame de Estado a que foi submetido o nosso conterraneo e professor do liceu, sr. dr. Francisco de Assis Maia.

As nossas felicitações.

Exposição alemã

E' hoje o ultimo dia desta importante exposição de varios artigos no 1.º andar da Sapataria Migueis. Aconselhamos as pessoas de bom gosto a uma visita ao estabelecimento.

* * *

Os encarregados desta exposição acham-se de posse de dois objectos que os visitantes ali deixaram por esquecimento e que serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

Triste

Como um ladrão audacioso que penetra nas casas para se apoderar de todos os valores que lá existam, assim tambem a Morte, não respeitando a do nosso amigo Manuel Pedro da Conceição, lhe ceifou, em menos de seis mezes, a esposa, que faleceu em 1 de março; a filha Conceição, de 14 anos, em 8 do mesmo mez; outra filha, a Aurora, de 21 anos, em 2 de junho e a 15 Manuel Pedro da Conceição Junior, de 22 anos, que para Davos Platz, Suiça, havia ido procurar a cura do seu mal, mas que teve tambem a infelicidade de lá ficar.

Manuel Pedro da Conceição era digno de melhor sorte. Homem ainda novo, duma rara actividade e dedicado ao trabalho, a sua compleição tem-se, porêm, resentido bastante com estes sucessivos desgostos, que quasi o não deixam tomar fôlego, alquebrando-lhe as forças para poder dirigir o labor da sua fabrica, a antiga Fabrica de Louça da Fonte Nova, de que é proprietario e na qual tem consumido o melhor tempo da sua mocidade. Todavia, estâmos em crer que atraz da tempestade hade vir a bonança e com ela outros dias mais felizes que façam esquecer a torturante dôr em que anda mergulhado.

Os amigos do inditoso Manuel Pedro da Conceição Junior mandaram resar na segunda-feira uma missa por sua alma, aproveitando nós o ensejo para testemunhar ao pai do extinto, assim como á restante familia, a magua que tamanha fatalidade nos tem causado.

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

Por este Juizo de Direito e cartorio do quarto oficio—Flamengo, que este subscreve—na execução hipotecaria em que é autor Eduardo Simões Amaro, de Aveiro, e réus Antonio da Cruz Carlos, pescador, e mulher Conceição de Pinho Vinagre, ambos tambem moradores em Aveiro, vai ser posto pela primeira vez em praça, no dia 10 de Julho proximo, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Rua Miguel Bombarda, no antigo Convento de Jesus, desta cidade, para ser arrematado por quem mais oferecer acima da sua avaliação, preço por que vai á praça, o seguinte predio pertencente aos executados:

Um assento de cassas terreas com um pequeno quintal, pertenças e direitos, sito na Rua do Norte, freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, no valor de 1.500$00.

Todas as despezas da praça serão por conta do arrematante e a contribuição de registo por titulo oneroso será paga nos termos da lei.

Pelo presente são citados todos e quaisquer credores incertos que se julguem interessados na aludida arrematação para nela virem deduzir todos os seus direitos, nos termos da Lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 20 de Junho de 1927.

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Heitor Martins

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo

Concurso

A Comissão Administrativa Municipal de Castelo de Paiva, faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação no *Diario do Governo*, para provimento definitivo do lugar de chefe da secretaria, com o ordenado e melhorias da lei.

E para constar se faz publicar o presente.

Castelo de Paiva, 24 de Junho de 1927.

O Presidente,

Francisco da Rocha e Cunha

DEMERARA-- **Em 27 de Julho** para o Rio de Janeiro. Santos, Montevideu e Buenos-Aires.
DARRO-- **Em 10 de Agosto** para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Aires.
DESEADO-- **Em 27 de Agosto** para Rio de Janeiro, San tos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Estes paquetes saem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes

ALMANZORA- **Em 11 de Julho** para a Madeira,Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Aires.
Asturias-- **Em 23 de Julho** para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos. Montevideu e Buenos-Ayres
Arlanza- **EM 15 de Agosto** para Madeira Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Aires

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, **mas para isso recomendamos toda a antecipação.**

Dirigir aos unicos agentes no Norte de Portugal:

Tait & C.º

19, Rua do Infante D. Henrique -PORTO

Ou aos seus correspondentes nas provincias.

Colegio de Nossa Senhora da Apresentação

(Para o esxo feminino)

Rua Direita, 15—**Aveiro**

Casa apropriada, com muita luz, muiito ar, luz eléctrica, casa de banho canalizações de agua quente e fria. Alimentação abundante e sob direcção medica. Educação moral, de sociedade e de *ménage*. Cursos primários e secundários segundo os programas oficiais. Conversação francesa por professora francesa. Desenho, lavores, piano, flores, córte, chapeus, pintura a oleo, em veludo *frappé*, imitação de *vitraux*, relevo, judáica, *au pouchoir*, etc. Estanho, coiro, tarso, foto-miniatura, piro-gravura, piro-escultura, talha, pregaria, frutos de cêra, Crisálida, imitações de marfim, granito, marmore estatúario e outras. Ginástica.

Enviam-se programas a quem os requisitar

(46)

O S. Pedro

Vá lá, vá lá que o santo chaveiro dos portões celestiais, talvez por isso, sempre foi mais festejado que os *camaradas* Santo Antonio e S. João, fechando o ciclo dos pagodes populares do mez de junho.

Em diferentes pontos da cidade acenderam-se fogueiras, houve musica, iluminações, danças. A mocidade divertiu-se. Antes assim. Para que da tradição alguma coisa fique...

M. C. Mates

Rua da Palma,164-1.º--Tel. norte 4010

Lisboa

Cereais, legumes, carnes de porco e derivados, azeites

Recebe consignações e promove a venda de **s/ conta** ou **c/ concumitentes.**

Fornecedor de varias unidades do exercito.

Banco Regional de Aveiro

Sociedade Anonima de Responsabilidade Lim.da

Correspondentes em todas as praças do pais Representantes em Aveiro de numerosos bancos e casas bancarias de Lisboa e Porto.

Descontos, saques, transferencias e outras operações comerciais.
Depositos á ordem e a prazo.

Fabricas Jeronymo Pereira Campos, Filhos

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 2.700 contos

Sucessora da Fabrica Ceramica de Jeronymo Pereira Campos, Filhos (Fundada em 1896)

AVEIRO

Telhas de varias tipos, tijolaria vermelha e refractaria, tubagem de grés, azulejos, artigos sanitarios, ladrilhos ceramicos, etc., etc

Montenegro Chaves, C.ª, L.da

Praça Almeida Garrett, 23

PORTO

Compram e vendem papeis de credito coupons, notas e moedas.

Encarregam-se da emissão, reforma e reembolso de bilhetes do tesouro.

LIQUIDAÇÕES RAPIDAS

Consultorio Médico

DO

Dr. Pompeu Cardoso

Doenças da bôca e dentes

Protese e cirurgia dentária

Ortodoncia

RUA DO CAES—AVEIRO

Maquinas de escrever

Remington

de reputação mundial, classificadas como infinitamente superiores a todas as outras.

Representante em Aveiro:

Aurelio Costa

Oficina Metalurgica e Funilaria

José Casimiro Graça

Fabricação e concertos em lanternas, farois, radiadores, pára-lamas, pára-brizas, tanques para gazolina e mais acessórios para automoveis e funilaria em geral.

Rua Direita, 72 — Rua do Passeio, 2

Aveiro

FARMACIA RIBEIRO

Produtos de 1.ª qualidade e especialidades tanto nacionaes como estrangeiras

O maximo escrupulo no aviamento do receituario

Costa do Valado

Ceramica de Quintans

TELHAS

TIJOLOS

MADEIRAS

ARTIGOS DE CONSTRUÇÃO

Koque para cosinhas, quilo $25

Empreza Olarias Aveirense, L.da

Fabrica de Louças e Azulejos

Rua das Olarias—Aveiro

Nesta fabrica, ha pouco montada com os melhores processos de laboração, encontra o publico cosumidor e comerciante vastas e lindas coleções de louça para uso comum e decorações. Um variado sortido em azulejos para revestimento de fronterias, ornamentação de mobiliario, casas de banho, cosinhas, etc., etc. Encarrega-se de pintura de quadros em azulejos conforme o desenho apresentados pelo seus clientes.

PREÇOS MUITO REDUZIDOS

GRANDES DESCONTOS AOS REVENDEDORES

Fabrica Aleluia

DE

João Pinho das Neves Aleluia

AVEIRO

Fundada em 1905

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições nacionais e estrangeiras a que tem concorrido.

Louças e azulejos lisos e em relevo Faianças artisticas, paneaux em todos os generos e estilos, etc., etc.

Execução rapida de todas as encomendas.

Fabrica da Fonte Nova

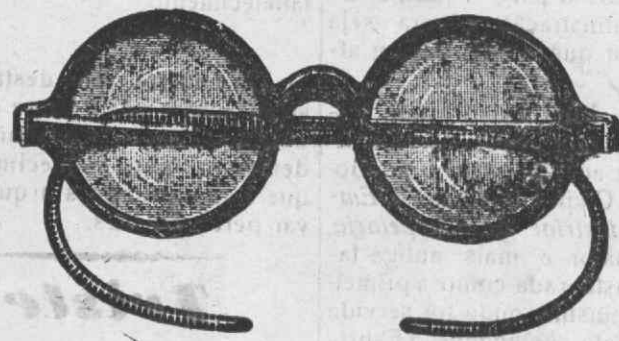
Fundada em 1882

e premiada em todas as exposições a que tem concorrido

LOUÇAS E AZULEJOS

'PANNEAUX„ DECORATIVOS

Manuel Pedro da Conceição

Aveiro

Artigos de ótica

Lunetas e óculos para miopia, presbitia e vista cançada de todos os graus e feitios assim como armações.

Esferometro para medições.

Concertos e venda avulsa.

Encomendas para o estrangeiro e pronta satisfação de indicações medicas.

Ourivesaria Vilar

Rua José Estevam—AVEIRO